

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 294
6 de junho de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Hoje eu queria aqui cruzar vários temas que estivemos abordando na última aula, mesmo porque cruzar temas é uma das ocupações fundamentais da filosofia. Na medida em que a definimos como a busca da unidade do conhecimento na unidade consciência, então é claro que a finalidade da filosofia não é constituir uma doutrina acabada, fechada, mas estar continuamente zelando para que os conhecimentos não voem soltos ao ponto de constituir fetiches. Quer dizer, um conhecimento que você tem, do qual você tem certeza, mas que não se articula de maneira alguma com outros conhecimentos, e com a sua escala de valores, e com a sua conduta na vida é realmente um fetiche, é uma coisa separada do universo, é como se fosse um objeto que está boiando no ar, e ele acaba de tornando uma espécie de um absoluto. Mas é claro que é um falso absoluto. Então essa articulação é um esforço permanente. E isso visa a zelar pela integridade da consciência humana, portanto da personalidade humana inteira, de modo que você sempre saiba *do que* você está falando, quer dizer, o que aquilo significa para você, para a sua vida, para a vida de seus semelhantes, qual é o valor, o peso relativo que as coisas têm, como elas se articulam umas com as outras.

Não há outra atividade no mundo que faça isso, é só a filosofia que faz isso. O que significa que evidentemente a noção de unidade do conhecimento não é a noção que tinha Bertrand Russel com a idéia de enciclopédia do conhecimento humano, enciclopédia das ciências. Não é conhecimento unificado no sentido em que se pode falar, por exemplo, no contexto das interdisciplinas. É claro, se você empreende algo que você chama de conhecimento interdisciplinar, você está tentando conectar ciências evidentemente. Porém, o alvo disso é uma teoria unificada, e não uma consciência. No sentido da interdisciplinaridade, o volume de conhecimento que você pode articular é ridicularmente pequeno. Por exemplo, se você pegar uma ciência: temos aqui a clínica médica e aqui temos a antropologia. Só para você cruzar essas duas coisas requer o esforço de alguns milhares de pessoas durante dez, vinte ou trinta anos, e os resultados serão relativamente precários do ponto de vista da veracidade teórica da coisa.

Mas o que interessa à filosofia não é realmente a veracidade teórica em si — embora ela entre como um dos componentes —, mas é a veracidade integral inclusive no sentido psicológico e humano, no sentido de que o que você está dizendo significa realmente aquilo para você pelo menos, e você de algum modo está fazendo um esforço para que outras pessoas participem desse campo de significado. É por isso mesmo que não existe a possibilidade de estabilizar a filosofia em resultados teóricos definitivos, embora exista o fenômeno que chamei dos patamares, quer dizer, certas conquistas intelectuais que uma vez feitas você não tem o

direito de voltar mais atrás, você vai ter de levar aquilo em conta de qualquer maneira. Levar em conta não quer dizer concordar, ou aprovar, ou endossar necessariamente, mas consiste em reconhecer seu valor e integrá-las ainda que dialeticamente dentro de uma busca que você continua empreendendo.

Nesse sentido Ludwig Wittgenstein tinha toda razão ao dizer que a filosofia não é uma disciplina, não é uma ciência, mas é uma atividade. É uma atividade constituída de tal modo que sem ela as outras simplesmente não fazem sentido. Não existe *nenhuma* outra atividade cognitiva humana que busque o sentido. As atividades que não a filosofia estão buscando conhecimento, ou seja, “verdades” que possam ser afirmadas e, até certo ponto, provadas. Mas em que medida uma verdade totalmente isolada das outras continua sendo verdade? Verdade da qual você só tem o conhecimento, por assim dizer, fático? Você observa o fenômeno e diz: “acontece assim”. Mas acontece assim do ponto de vista dessa pesquisa que você empreendeu, das perguntas que você fez, com o método que você usou, etc. etc. E o que significa para o resto do conhecimento humano? Então nenhuma ciência, ou nenhuma técnica, pode responder a isto. E para isto que existe a filosofia.

Se não existisse a filosofia, então os conhecimentos só valeriam como peças soltas inarticuláveis. Então seriam realmente conhecimentos imbecilizantes, na medida em que a inteligência humana necessita desesperadamente da unidade, da conexão, porque não somos um computador que possa funcionar com esses elementos totalmente isolados porque temos uma coisa que se chama a responsabilidade moral, a responsabilidade civil, até a responsabilidade jurídica. Somos senhores dos nossos próprios atos, temos de tomar decisões, e essas decisões se fundam sempre em valores nos quais acreditamos, ou seja, temos de prestar satisfação pelos atos de nossa consciência inteira, e não só pela veracidade desse ponto ou daquele ponto.

Podemos dizer o seguinte: qualquer verdade isolada só é verdade no sentido convencional, ou seja, de acordo com os cânones e métodos de um conhecimento especializado. Porém, visto um pouco de lado, aquilo já não é mais uma verdade, é apenas uma impressão exata. Na verdade, a partir do Renascimento, tudo o que a ciência buscou foram impressões exatas. E para tornar essas impressões cada vez mais exatas, se desenvolvem métodos que vão circunscrevendo os seus objetos de uma maneira cada vez mais precisa e não comunicáveis a outras áreas do conhecimento. Se você procurar em qualquer ciência o equivalente de um conceito em outra ciência, você nunca vai encontrar, não há equivalente. Eu digo: quem conecta tudo isso? Quem conecta tudo isso, por definição, não pode ser uma ciência, tem de ser a inteligência humana, tem de ser a consciência que criou as ciências e que tem de manipulá-las toda de uma vez.

Você pode imaginar, por exemplo, que no Estado moderno, a administração tem de ser cada vez mais científica, isto é, passar as decisões da esfera da vontade humana para a esfera de uma exatidão mais ou menos previsível de modo a que as decisões e os planos possam com uma margem maior de certeza levar aos resultados desejados. Então esse processo que vai tornando a administração cada vez mais científica começa entre os séculos XVIII e XIX, quando a questão das estatísticas começa a adquirir uma certa importância. Até uma certa época da humanidade os governantes nem sabiam quantos habitantes os seus países tinham, nem onde eles estavam, qual era a distribuição demográfica. Não havia meios de calcular o produto nacional bruto, saber se o país era mais rico ou mais pobre do que o país vizinho. Não havia meios de calcular coisíssima nenhuma. Então a partir dos séculos XVII, XVIII e XIX a coisa vai pegando. A partir do século XIX, todos os países do mundo são administrados assim, quer dizer, todos pretendem ter uma administração científica.

Mas acontece que essa administração científica se faz sob a forma de conhecimentos específicos e especializados produzidos por pesquisadores no seu campo de especialização. É possível tomar decisões assim? Não, claro que não. As decisões de um governante têm justamente de articular as várias áreas de ação, os vários domínios num plano, numa unidade coerente. E quem faz esse plano? É claro que existe uma técnica do planejamento, mas ela jamais chegou a se constituir como uma ciência. Então sempre temos o problema da decisão tomada por uma inteligência autoconsciente e que é quem vai responder pelo o que está acontecendo. Quem quer que seja o governante, ele nem pode ser especialista em todas as ciências nem pode se ater a uma especialidade exclusiva, ele vai ter de partir para um outro tipo de conhecimento.

Que tipo de conhecimento é esse? É o que podemos chamar cultura geral? Não. Cultura geral é uma coisa tão fragmentária quanto o universo inteiro das ciências. Cultura geral [0:10] é o seguinte: o sujeito estuda um pouco de biologia, estuda um pouco de história, estuda um pouco de literatura etc., e compõe no seu próprio imaginário uma síntese das suas preferências pessoais. Cultura geral está tão longe da filosofia quanto uma economia de coleta está longe da culinária, por exemplo. Você vai pegando frutinha aqui, um bichinho ali e vai comendo, isso aí não é culinária. Culinária supõe uma organização da alimentação humana.

É para isto que existe a filosofia. A filosofia é uma técnica da articulação dos conhecimentos na esfera da consciência. Ou seja, não é a filosofia que vai validar esses conhecimentos, eles já têm de estar validados quando chegam. Quer dizer, você tem de lidar com conhecimentos da mais alta qualidade, você tem de pegar o que tem de melhor nas Ciências, na História, nas Artes etc. de modo a você não ter de entrar nas discussões especializadas daquela área. Você vai pegar resultados estáveis ou, mesmo que não tenha se alcançado algum resultado, o que existe de melhor naquela área. E disto você vai tentar formar, não uma síntese teórica, mas um aparato de percepção. E o que vai unificar isso é a sua consciência, quer dizer, é você, o ser humano real, concreto, agente, vivente, que articula tudo isso.

Não usamos aqui a noção dos registros de conhecimento, que é tão importante para a cultura. Na esfera cultural entendemos que os conhecimentos que estão registrados em arquivos, bibliotecas etc. são conhecimentos que o ser humano possui. Na verdade ele não possui, ele possui apenas o registro. A passagem do registro para a posse do conhecimento é um negócio altamente problemático, tem de ser feito a cada geração. Ou seja, tudo o que a geração anterior aprendeu, escreveu, registrou de algum modo não passa para a seguinte, o que passa são apenas os registros. Quer dizer, todos aqueles atos cognitivos que levaram àqueles resultados terão de ser refeitos de algum modo em algum volume crescente, quer dizer, cada vez tem mais e mais e mais. O que implica que a conexão entre os vários conhecimentos tem de ser cada vez mais funcional, mais racional e mais operante. Então esse é um problema que diz respeito à filosofia e à educação.

Podemos dizer nesse sentido que a educação é o efeito prático da filosofia. Mas não existe educação sem uma filosofia prévia, quer dizer, toda educação implica uma filosofia da educação que determina os seus fins. Esses fins podem ser formulados em função das próprias ciências existentes. Por exemplo, o sujeito coloca as ciências existentes como se fossem o modelo mais perfeito do conhecimento e diz que a educação visa a treinar as pessoas para isto. Acontece que se você fizer isto, cada um vai estar treinado na sua própria área e não tem ninguém capaz de articular as várias áreas, e, portanto, não tem ninguém capaz de articular a própria filosofia da educação. Isto quer dizer que o planejador da educação tem de

ser eminentemente um filósofo porque ele está lidando com a unidade da consciência humana. E é isso o que ele vai tentar passar para os estudantes, se possível.

Na maior parte dos casos, a educação negligencia isso e se limita a passar os conhecimentos especializados requeridos para o exercício dessa ou daquela função. Portanto, para um tipo de exercício profissional onde as finalidades e o valor do próprio exercício profissional não fazem parte dele. Por exemplo, justificar uma pesquisa zoológica é algo que não pode ser feito com conceitos zoológicos, você teria de mostrar, por exemplo, que essa pesquisa é útil para tal ou qual esfera da atividade econômica, ou é útil para a cultura geral, é útil para a preservação ecológica das espécies, para qualquer outra coisa que ultrapasse infinitamente o campo da zoologia. A justificação de qualquer conhecimento nunca faz parte dele, e essa justificação é um dos empreendimentos fundamentais da filosofia. Quer dizer, para que estamos fazendo isso e, mais ainda, em que medida podemos compreender o conjunto dos conhecimentos que temos. O que significa que na filosofia você não é obrigado a manter o mesmo nível de exatidão em cada área especializada. Isso na verdade seria impossível.

Por exemplo, vamos dizer, um filósofo que estivesse permanentemente atualizado com todas as pesquisas importantes no mundo inteiro. Isso não existe. Ele vai se atualizar com uma ou com outro e, em geral, nos outros domínios ele vai lidar com material que está muito atrasado, vinte, trinta anos atrasado, mas isso é invencível. Isto quer dizer que essa espécie de síntese operativa que se cria na consciência do filósofo nunca dá conta do estado presente das investigações. O que também significa que esse estado presente está continuamente criando novos problemas filosóficos que no momento podem ser insolúveis.

Por exemplo, quando se começa a fabricar clones de pessoas. Qual é exatamente o estatuto dessas pessoas? São pessoas, são coisas, são bichos, são o quê? Como elas se encaixam no restante da humanidade? Não creio que a filosofia tenha no momento a condição de responder isso de maneira inteiramente satisfatória. Pode-se responder em tese, mas sempre você verá que o avanço de uma ou outra pesquisa pode estar criando mais dificuldades naquele mesmo momento. É como se dissesse que o avanço das ciências e da tecnologia é dispersante, é fragmentador por natureza. Quer dizer, cada área vai se fechando em interesses que são incomunicáveis com as outras ciências.

Existe um livro chamado *Os Sonhos de Descartes*, cujo autor dá um panorama do que acontece só na área das matemáticas, onde já se tornou impossível a um matemático de uma determinada área de pesquisa entender o que o outro matemático está fazendo. Você junta esses vários conhecimentos, esses vários resultados da investigação matemática e diz em que medida isso constitui conhecimento. Isso constitui conhecimentos potenciais. Na hora que houver alguém capaz de apropriar aquilo, conectar uma coisa com a outra e avaliar o conjunto, de modo que possa dizer “esse é o conhecimento atual dos conhecimentos matemáticos”, então aí você tem um conhecimento efetivo. Mas isso nunca acontece, nunca se chega lá. E justamente por causa desse estado de coisas que o exercício da filosofia é cada vez mais necessário. Porém, só se for uma filosofia consciente de que sua missão é essa, porque se ela se transformar apenas em mais uma área de estudos especializados, ela também não pode sequer julgar a si mesma. E essa é uma tendência muito forte por causa de uma outra tendência que a produz, por assim dizer, que é a tendência da profissionalização.

Vocês vêem que, onde quer que uma atividade humana se torna profissionalizada, ela entra naquela dialética do Alexander Zinoviev que diz que em qualquer exercício profissional o praticante precisa dominar dois tipos de tecnologia: a primeira é a tecnologia da matéria com que aquela profissão lida. Por exemplo, se ele é um ferramenteiro, tem de entender de

ferramenta, se ele é um médico, tem de entender de saúde e assim por diante. Quer dizer, existe a matéria com que ele está lidando. Se ele trabalha na fábrica de sabonete, ele tem de saber algo sobre fabricação de sabonete e assim por diante. E a segunda tecnologia é a da estrutura da profissão, que ele tem de conhecer e dominar também para poder sobreviver profissionalmente. Por exemplo, quais são os regulamentos da profissão, quais são os direitos e deveres, qual é a hierarquia de comando que existe, como ele se relaciona politicamente com os seus colegas, concorrentes, chefes etc. etc. Não raro essa tecnologia é muito mais complicada do que a outra. Eu, que trabalhei quarenta anos no jornalismo, sei disso daí: a política de uma redação é infinitamente mais complicada do que a profissão jornalística. Você pode ser um excelente jornalista do ponto de vista técnico e se dar muito mal porque não compreende o ambiente social no qual o jornalismo se exerce.

Tão logo uma atividade humana se condensa sob a forma de uma profissão, você entra nesse conflito. E evidentemente o lado sociológico da coisa tende a comer o lado técnico ou específico. Então o exercício daquilo vai se tornando cada vez mais distante do seu propósito originário, ao ponto que, por exemplo, na fabricação de certos produtos, a qualidade do produto já não interessa mais porque o que interessa são as vendas, a propaganda [0:20] etc. Se o produto está muito ruim e está vendendo assim mesmo, para que você vai melhorar? Isso acontece a todo momento. E não é por maldade que as pessoas fazem isso, é pela própria estrutura da ocupação. Pior: isso independe do sistema econômico vigente. Você pode capitalismo, socialista, patrimonialista, sindicalista, vai acontecer exatamente a mesma coisa porque as profissões terão de ter alguma estrutura sociológica. E, pela própria natureza, a estrutura sociológica se torna cada vez mais complexa pela simples exigência de um treco chamado poder legislativo.

O poder legislativo pode ser resumido como um grupo de pessoas que está reunido por aproximadamente trezentos dias por ano só para dizer o que os outros são obrigados a fazer e o que não podem fazer; só para criar obrigações e proibições; portanto, para regular tudo o que existe. Então o desenvolvimento do processo legislativo implica que todas as relações humanas se tornarão cada vez mais complexas e cada vez mais mediadas por leis, regulamentos etc., cujo conhecimento constitui por si toda uma área especializada. Vamos supor que você se especialize na legislação tributária, por exemplo. Você não a dominará integralmente, isso não é possível, são tantos domínios diferentes da legislação tributária que ninguém pode abarcar aquilo no conjunto — só a bibliografia tributária brasileira já passou do inabarcável há muito tempo. Isto quer dizer que não só você não vai precisar nem poder conhecer o seu domínio inteiro, mas você muito menos vai ter de conhecer as atividades sobre as quais aquelas leis incidem. Quer dizer, o sujeito que está regulando uma atividade humana nada sabe a respeito dela. Vamos supor, aqui você tem um deputado discutindo uma proposta de lei que vai regulamentar a atividade dos profissionais do sexo. Eu digo: você já foi profissional do sexo, tem alguma experiência na área? “Não, não sei nada” – espero que não mesmo. Isto quer dizer que o indivíduo está regulamentando coisas que ele não sabe o que são. E esta tendência é incoercível. Quer dizer, o crescimento da legislação no mundo moderno é uma coisa realmente inabarcável, incontrolável.

Então qualquer atividade que se profissionalize vai entrar nessa dialética. E é claro que esse é um processo altamente imbecilizante que induz o indivíduo a ter cada vez menos consciência da natureza da atividade que está exercendo e a julgar tudo o que ele faz não do ponto de vista interno daquela disciplina, mas do ponto de vista das exigências da profissão. Por exemplo, você pode fazer uma carreira *inteira* de filósofo, e com muito sucesso, sem nunca ter colocado um único problema filosófico na sua vida; você só coloca problema de interpretação dos

textos filosóficos que você está estudando — coisa que tem relação com a filosofia, mas não é filosofia.

Por exemplo, eu vejo aqui a carreira do John Deeley. John Deeley é um leitor maravilhoso de textos filosóficos. Ele redescobriu os textos de João de São Tomás e mostrou a importância extraordinária. Disse que se o pessoal tivesse prestado atenção em João de São Tomás, a filosofia moderna teria tomado um rumo completamente diferente, não haveria uma série de dramas filosóficos que existe, porque João de São Tomás já tinha resolvido tudo. Maravilhoso. Só que até aí John Deeley não fez filosofia nenhuma. Ele começou a fazer depois de ter estudado tudo isso, e disse: “disso aí agora eu posso concluir uma coisa que não está em João de São Tomás, que aprendi com ele mas que não está lá, que é a diferença específica da inteligência humana e a inteligência animal. Eu consigo resolver esse problema com base no que aprendi com João de São Tomás”. Então aí ele começou a fazer filosofia. Mas ele precisaria fazer isso? Não, não precisaria, ele já era um professor consagrado. Quer dizer, você pode ser oficialmente um filósofo sem jamais ter filosofado, só ficar interpretando texto. E tem gente que acha que é isso mesmo. O professor Gianotti achava que filosofia é isso mesmo. Eu digo: claro que não é.

A filosofia tem de colocar problemas que digam respeito à integridade da consciência humana, à integridade do conhecimento. Aliás, a palavra *integridade* é melhor do que a palavra *unidade*, porque unidade parece que você está falando de uma organização teórica, uma ciência universal: tudo está reduzido à meia dúzia de princípios que unificam tudo. Não é isto, evidentemente. Esses princípios não existem e jamais existirão. O que existe é que tem um ente chamado a consciência humana que está buscando todo esse conhecimento e que, na produção ou busca desse conhecimento, toma vias que são incompatíveis entre si ou separadas entre si e que ela mesma não sabe como articular. Então o seu conhecimento continua fragmentário, mas você continua sendo uma pessoa só. Então essa tensão entre o conhecimento fragmentário e a integridade da consciência é um elemento permanente, e isso tem de ser tratado. E a filosofia é justamente a atividade que desenvolveu ferramentas, técnicas disciplinares e intelectuais para lidar com esse problema, até ferramentas éticas, até ferramentas de ordem psicológica, moral.

É isso que é a filosofia, isso é o que a filosofia tem feito sempre. Ela pode ter feito outras coisas também. Na época do racionalismo clássico de Malebranche, Descartes e Leibniz, considerava-se importante que um filósofo tivesse um sistema completo. Por isso, a busca da unidade da consciência naquele momento tomou a forma da busca de uma teoria completa. Mas isso não é obrigatório, apenas aconteceu. Claro que todas essas teorias falharam, todas elas caíram. E na hora que elas caem, a filosofia tinha se identificado tanto com essa atividade sistematizante que se chegou a dizer que a filosofia acabou. Não, o que acabou foi um estilo de fazer filosofia que esteve em moda durante um certo ponto e que, em si mesmo, se você pensar bem, é até incompatível com a natureza profunda da filosofia. Se você compara a ambição organizadora e unificante que tinha um Descartes, um Malebranche, até o próprio Leibniz, com a modéstia teorizante de Sócrates e Platão que sabiam que, investigando e investigando, iam chegar num momento onde tudo ia ficar nebuloso e só poderia ser expresso miticamente, então você vê que Sócrates e Platão estavam muito mais conscientes da natureza da filosofia como atividade em vez da filosofia como produtoras de teorias. Hoje em dia isso já foi bastante recuperado. Existem inumeráveis estudos sobre este aspecto, a filosofia como atividade, a filosofia como prática, como disciplina moral etc. Hoje em dia tudo isso voltou.

Porém, eu disse que nesta aula eu ia tentar articular vários temas isolados que foram tratados em outras aulas. Esse mesmo que estou falando é um deles, mas é apenas um deles. Outro

tema é aquele que inicia o nosso curso, que é o tema do necrológio, que é a sua vida ideal projetada no futuro, quer dizer, quem você quer ser quando crescer. Eu me considero um especialista nisso, porque eu sou o único neguinho que realizou o seu plano de juventude. Eu sou exatamente o que queria ser, não dá para ser mais, não dá para ser menos. Foi como se tivesse feito uma obra de engenharia. Na verdade foi feito tudo aos trancos e barrancos, mas aquilo deu nisso. E é evidente que não teria sido assim se eu não tivesse me colocado seriamente o problema de quem eu queria ser. Eu tive de colocá-lo por uma circunstância peculiar: eu fui um sujeito que não recebeu nenhuma educação.

Quando eu cheguei aos 12-13 anos, percebi que ninguém estava me educando para nada, ninguém estava me ensinando nada, não tinha quem me dissesse o que fazer. As pessoas estão sempre reclamando que as suas famílias são autoritárias e dão muitas ordens etc. Para mim ninguém dava ordem nenhuma, eu estava solto no ar, então falei: agora vou ter de descobrir o que vou fazer, e não adianta eu lançar culpa no meu pai, na minha mãe, minha avó, minha tia. Então comecei a pensar: o que eu quero ser mesmo? E eu me coloquei esse problema com muita seriedade. Eu vejo que em geral esta questão é muito mal compreendida até pelas pessoas que fazem o exercício do necrológio.

A primeira confusão, que é a mais grosseira evidentemente, já foi afastada, é a seguinte: eu estou perguntando *quem* você quer não ser e não *o que* você quer ser. Portanto, não me responda com o nome de profissão. 100:30J Mas existe uma segunda camada de equívocos que é o que vamos chamar de *vício da modéstia*: o indivíduo não quer, nas concepções do seu próprio futuro, parecer presunçoso, grandioso, ambicioso demais, então ele diminui a própria figura. O remédio para isso é o seguinte: vamos supor que você conseguisse ser tudo o que quer ser e que ninguém soubesse disso. Então vou propor que você refaça o seu necrológio com esse critério. Por um lado, não há nenhuma necessidade de modéstia porque você é sozinho, você está falando apenas daquilo que você realmente é e não da sua imagem pública. Você vai fazer de conta que não há imagem pública nenhuma, que você vive sozinho numa ilha, que ninguém o conhece e não vai conhecer jamais. Então o necrológio assume a figura de uma busca da perfeição. E a perfeição diz respeito somente às suas qualidades reais que se incorporaram na sua personalidade de uma vez para sempre, e não à imagem externa que isso pode projetar. Por isso mesmo que vamos fazer abstração da imagem.

Eu pedi que escrevesse o necrológio do ponto de vista de uma pessoa que conhecesse o falecido e que narrasse a sua vida. Agora você vai escrever do seu próprio ponto de vista, quer dizer, você mesmo está recordando a sua vida para você mesmo. E você vai ter de ver a sua vida como a formação de um modelo humano o mais perfeito que você possa conceber. O mais perfeito não quer dizer que você vai incorporar todas as virtudes, o que é impossível e contraditório, mas que a sua individualidade, aquilo que em você tem de mais tipicamente seu e inconfundível esteja realizado da maneira mais plena possível. Então isto quer dizer que você não pode ser perfeito em todos os estilos de humanidade, você vai ter de ter o seu e vai ter de descobrir qual é o seu — pelo menos especular algo a respeito. Você saber, por exemplo, em que pontos você sempre será diferente dos outros ou será diferente deste, desse, daquele, mas não tanto diferente daquele, daquele e daquele outro.

Em segundo lugar, você vai ter de interpretar o mandamento de Jesus, “*Sedes perfeitos como o nosso Pai é perfeito*”, num sentido que não é completo e abrangente. Esse *como o nosso Pai é perfeito*, é claro que é uma hipérbole, ele falou isso num sentido hiperbólico onde você pode ser aproximar e aproximar, mas nunca vai chegar lá. Além de ser hiperbólico, ele é genérico universal, ao passo que você é individual. Então você vai ter de descobrir a sua personalidade — presta atenção — como valor universal. A sua personalidade como um valor que, se as

outras pessoas conhecessem, seria uma coisa que faria bem para elas. Mas elas não conhecem. Então você vai ser um tesouro escondido. E este tem de ser o objetivo de tudo, quer dizer, essa seria a perfeição verdadeira que não tem a ver com a imagem exterior.

Essa imagem exterior sempre será truncada, fragmentada, será deformada pelos interesses diferentes com as que as pessoas olham para você, ou seja, as pessoas não fazem as mesmas perguntas a respeito de você. A curiosidade delas é mutável: um quer saber uma coisa, outro quer saber outra, outro quer saber só os seus defeitos e assim por diante. Então a imagem pública é muito variada e fragmentada, você não pode controlá-la. Mas tem uma coisa que você pode controlar: a sua consciência de que você é você mesmo. Ou seja, a sua consciência da integridade da sua personalidade. O que não significa que terá de ser uma integridade quantitativa, ou seja, na qual todos os aspectos estão harmonizados. Não, sempre vai haver aspectos antagônicos que você não domina mas que você pode deprimir, você pode diminuir a importância deles no conjunto porque não é aquilo que lhe interessa. Por exemplo, se você tem um vício, não quer dizer que você vai ter de se livrar do vício — às vezes você não se livra nunca —, mas você pode diminuir a importância dele, de modo que ele não determine a sua conduta no geral e que você só ceda a esse vício em momentos onde você não tem mais nada para fazer, onde não haja coisas mais importantes que exijam que você controle aquilo.

Eu estou falando, portanto, de uma auto-imagem, uma auto-imagem que tem de ser muito verdadeira, mas ao mesmo tempo ela não pode ser modesta, não pode ser diminutiva. E para evitar o problema do diminutivo, você vai suprimir todas as comparações possíveis, você não vai se comparar a outras pessoas. Você vai ser um modelo de uma pessoa que pegou a sua individualidade com toda a sua diferença e transformou aquilo numa perfeição. Uma perfeição no sentido de, primeiro, valioso — é algo que se as outras pessoas tomarem consciência daquilo vai fazer bem para elas, vai dar um modelo, vai dar uma força — e também é uma coisa maximamente individualizada, no sentido de que não se trata de incorporar virtudes gerais, não se trata de pegar as virtudes cardeais e teológicas e copiá-las. Não se trata disso absolutamente. Por quê?

Se você estudar aquele negócio das escolas dos séculos X e XI, que constituiu a inveja dos anjos, ali você tinha um modelo de conduta, e as pessoas aprendiam esse modelo de conduta baseado nos princípios da Igreja. Isto dizia respeito não somente às virtudes propriamente cristãs, mas às virtudes sociais também que tinham sido incorporadas da herança greco-romana. Por exemplo, a virtude da expressão oral bem-feita, ordenada, bonita etc.; a virtude de você se vestir de maneira decente, que nunca impressionasse mal as pessoas; a virtude de você saber dosar a seriedade com o humor etc. Então havia modelos, de algum modo. Estes modelos eram os próprios professores. E isso podia ser ensinado como se fosse uma régua com a qual você estava medindo cada aluno: aqui temos uma régua, é igual para todos, temos modelos, e você vai medir cada um de acordo com essa régua.

Isto funcionava porque era uma época de um caos medonho, uma época onde não havia na sociedade valores e critérios estabelecidos. Então você criava aquelas pessoas como se fossem pilares para fincar no chão no meio da lama: estava tudo derretendo em volta, mas aqueles caras ficavam de pé. Esta não é a nossa situação atual. Temos, ao contrário, uma situação na qual as condutas humanas são impostas e impressas sobre as pessoas de uma maneira brutal. Quer dizer, a uniformização mental é um negócio que hoje é imposto em toda parte do mundo, sobretudo depois que começou esse negócio do politicamente correto, isso virou uma coisa infernal. Então isso significa que se vamos trabalhar na base de modelos prontos, os modelos prontos estão vindo de fora. Nós sabemos todas as virtudes que o *establishment* quer que tenhamos, sabemos o que é o cidadãozinho perfeito da Nova Ordem Mundial, e é isso que

estão impondo para nós. Isto quer dizer que a busca da perfeição que falo já não pode ser a imitação de modelos fixos, mas ela tem de ser uma criação que sai de dentro, quer dizer, você vai ter de criar o seu próprio modelo, um pouco no sentido do *dharma* hindu. O *karma* é aquilo que vem de fora e lhe impõe um destino, e o *dharma* é o seu destino ideal melhor possível, pelo qual você incorpora o *karma* e o transforma numa qualidade. Então eu peço que repensem a questão do necrológio.

Vocês não vão mandar o necrológio para ninguém, muito menos para mim, isto é para você mesmo. Trata-se de imaginar a sua personalidade como uma portadora de qualidades que têm valor universal — isto é importante. [00:40] Quer dizer, você vai conceber a sua personalidade como uma obra de arte. Uma obra de arte só tem as perfeições que ela tem, ela não tem as da vizinha. Se você pega um soneto de Baudelaire, ele é perfeito, você pega uma sinfonia de Mozart, ela também é perfeita, só que não dá para trocar uma pela outra. Cada uma só é aquilo que ela é. E é isso que eu digo então da individualidade como valor universal. Quer dizer, ela é um valor muito singular, não redutível aos valores de outras pessoas e onde a acentuação, a topografia das várias virtudes está modulada de uma maneira diferente das outras pessoas. Isso é uma coisa que facilmente você vai perceber porque são qualidades que de algum modo você já tem.

Mas é preciso abolir toda idéia de modéstia, porque a modéstia começa com a comparação com a outra pessoa. Mas no caso a comparação é inútil porque você só pode ser uma pessoa, não tem como você ser a outra e, além disso, as qualidades que você está procurando podem não significar grande coisa para uma outra pessoa. Conceba a sua vida como se estivesse escrevendo um romance da sua vida na base do que os alemães chamavam *Bildungsroman*. *Bildungs* quer dizer *construção*. *Bildungsroman* é um gênero caracteristicamente alemão, que é a história da formação de uma personalidade, a história de uma educação. O *Wilhelm Meisters*, romance de Goethe, praticamente cria o gênero — quer dizer, ele não criou, o gênero já existia antes, mas é um exemplar perfeito. Os livros do Hermann Hesse: *Demian* é a história de uma educação, *Siddhartha* é a história de uma educação. E assim como esses, existem muitos outros.

Você vai conceber a sua vida como um *Bildungsroman* e não vai contar para ninguém. Na medida em que você se concentra nisso, verá que a sua vida acabará sendo exatamente o que você planejou que ela fosse, com todos os percalços e elementos. Existem elementos antagônicos e elementos dissolventes também. Antagônico é aquele que oferece uma oposição frontal àquilo que você está querendo ser e o dissolvente é aquilo que o leva para o outro lado, que desvia a sua atenção, deprime as suas forças etc. É importante você entender que todos esses elementos antagônicos e dissolventes têm de ser incorporados, cada um deles tem de ser transformar numa oportunidade de reafirmar as mesmas qualidades que você quer alcançar, usando a própria força do inimigo, a força do adversário. Cada dificuldade tem de ser uma volta por cima neste sentido. Você pode conceber a sua vida assim. E você não a conceber assim, você não vai conseguir fazê-la assim. Concebendo, você tem alguma chance porque está cumprindo a primeira das obrigações da consciência humana, que é ser consciente.

Você veja que isso que estou falando é uma coisa tão óbvia e necessária, que o fato de que tão poucas pessoas saibam disso é uma desgraça universal, porque quem vai dirigir a minha vida senão a minha consciência? E se eu não chego a colocar o problema de qual vida eu quero levar, como eu vou dirigir? É impossível. Então você vê que as vidas são feitas muitas aos trancos e barrancos, e as pessoas não alcançam o que queriam porque nada fizeram para alcançar o resultado, porque nem sabiam que resultado era esse. A primeira obrigação da consciência individual humana é esta: colocar o problema da sua vida, da sua individualidade,

e do “quem eu quero ser?”. Se eu digo que o que você quer ser é uma coisa que só você vai saber no fundo, melhor para você. Nós somos vulneráveis à inveja, à maledicência, aos conselhos deprimentes etc. porque queremos nos espelhar nos outros; você quer saber quem é você em comparação com o outro. Pensa bem: quantas pessoas existem? Você vai se comparar com cada uma delas? Isso dá muito trabalho, não vai terminar nunca. Então você tem de fazer de tal maneira que o único espelho no qual você tenha de se olhar seja você mesmo.

Nesse sentido que eu estava falando para Roxane (e ela até deu risada): se a sua opinião sobre mim não é igual a minha, ela não me interessa. Eu só quero saber o que eu penso de mim mesmo porque sou só eu que estou aqui dentro dirigindo esta vida, você não vai fazer isso para mim. Portanto, só uma opinião interessa. E na formação dessa visão pessoal, você pode se colocar o seguinte problema: se só a minha opinião interessa, o que me impede de me fechar numa ilusão e criar virtudes imaginárias que só existem na minha cabeça? O que o impede é o fator da confissão, a técnica da confissão da qual já dei tantas aulas, na qual você se apresenta perante Deus com todos os seus pecados diariamente. Esses mesmos pecados devem servir como recursos para a sua autocriação, por assim dizer, porque são elementos que estão em você de algum modo e que podem ser sempre aproveitados. Aproveitados no sentido de que, como dizia Santo Agostinho, as nossas virtudes são feitas da mesma matéria dos nossos vícios — isto é de uma importância absolutamente fundamental. Vou dar um exemplo.

Se você admira a mulher do próximo ao ponto de desejá-la, lembra assim: o que está escrito na Bíblia é não cobiçar a mulher do próximo, não diz não desejar. O desejo é um impulso espontâneo que foi o próprio Deus que colocou em nós, e Ele certamente não vai nos castigar por fazer o que Ele mesmo nos ensinou a fazer. A cobiça é a tendência de fazer do desejo o instrumento de obtenção de uma satisfação para você. Suponhamos que você aceite o desejo: tem aqui a mulher do fulaninho, como ela é linda, queria uma assim para mim. Ora, se você sabe que não vai poder transformar isso numa cobiça sem você provocar desgraça e sofrimento para você e para os outros, então o que você faz com o desejo? Você tem de transfigurar o desejo em amor verdadeiro. E esse amor verdadeiro implica o seguinte: vou amar essa mulher, vou desejá-la durante minha vida inteira, mas nada farei para obter uma satisfação para mim; ao contrário, será tudo para ela e para o marido dela. É assim que se faz.

É assim que o impulso natural, que poderia resultar, poderia desembocar em problema e sofrimento, se transforma em uma força construtiva tremenda. Agora, se você quer cortar aquilo — “estou pensando na mulher do próximo, não vou pensar, *mea culpa, mea culpa*” —, você está fazendo tudo errado, não é isso que é para fazer. O desejo não é culpado, culpado é a cobiça, a concupiscência, quer dizer a insistência em tramar meios de obter aquela satisfação. Então você não está vendo como ela é uma pessoa bonita, como ela é uma pessoa adorável, mas como você vai fazer para comê-la. Aí mudou a chave: o mero desejo se transformou em cobiça. O desejo deve ser mantido porque ele é o motor que fará da nossa virtude, do nosso amor, da nossa generosidade, uma força natural. Ele vai usar a força da natureza para sustentar a sua virtude. Tudo o que existe de bom no mundo foi feito assim. Os nossos impulsos naturais são todos egoístas, só que eles não se transformam em ação diretamente, tem de ter uma mediação da inteligência. E é a inteligência que vai transformar aquilo em um instrumento do bem ou em um instrumento do mal. É a inteligência que vai fazer, não é o próprio impulso. O impulso é igual dos dois jeitos. E assim com relação a todos os demais impulsos. Quer dizer, você aproveitar tudo no sentido de criar uma [0:50] personalidade bonita que só Deus vai conhecer, ninguém vai saber.

Agora, você não vai chegar para Deus dizendo como sou lindo, sou gostoso. Não faz o menor sentido. Quando você se apresenta para Deus, você vai ver a imagem inversa disso, você vai ver a sua pequenez, a sua miséria, o seu zero. Você precisa disso para que o próprio Deus lhe infunda um pouco da força d'Ele, quer dizer, Ele vai renovar as suas virtudes, renovar suas qualidades, na medida em que você reconhece que em face d'Ele isso não é realmente nada. Também aí tem um detalhe: quando você se apresenta a Deus com consciência da sua nulidade, você não pode fazer isso de maneira deprimente e triste porque ser uma nulidade perante Deus é um grande prazer. Não é uma coisa maravilhosa dizer: agora vou dormir, o mundo não vai sentir a menor falta da minha presença, isso não vai interferir em nada, tudo vai continuar andando do mesmo jeito, ninguém vai precisar de mim, eu posso dormir sossegado? Quer dizer, a nossa nulidade é um alívio, na verdade, porque essas grandes coisas vão ficar por conta de Deus, não por nossa conta.

Eu disse que ia cruzar vários temas. Já cruzei o tema do que é a filosofia com o tema do necrológio. O tema do necrológio pode ser cruzado por sua vez com o tema das doze camadas, onde você verá que, ao conceber o seu plano de vida, você já se coloca na 12ª camada: você já está diante de Deus. Só que isso por enquanto só existe como imaginação, como projeto, como sonho, mas não se materializou ainda no tempo. É como se fosse uma imagem estática que com o tempo irá se transformando em realidade. Mas só virará realidade na hora que você morrer: agora acabou, agora já fiz o que era para fazer. Isto quer dizer que você se coloca imaginariamente num patamar mais alto e depois vê que não está lá, você vê que está preso em objetivos menores. Então você terá de fazer com que esses objetivos menores não se tornem obstáculos para os seguintes. Você entender a camada como camada mesmo, como uma cobra que troca de pele. Isso significa que você vai ter de morrer muitas vezes e desistir de tudo para obter alguma coisa.

E este é um ponto absolutamente decisivo. Se tudo aquilo que é importante e valioso para nós numa certa época não morre e não desaparece, não desenvolvemos a camada seguinte. Quer dizer, existe a desistência, a aceitação da derrota e do fracasso e a renúncia de tudo aquilo que você tem, numa certa época, como referência humana, como valor etc. É absolutamente fundamental para você ir passando de etapa em etapa. No fim das contas, não são perde nada, no fim tudo o que estava lá no começo continuará do mesmo jeito. Mas, por exemplo, o apego a qualidades que você acha que tem num certo momento pode impedir que você desenvolva essas mesmas qualidades num patamar mais alto depois.

Existe a imagem dos ritos de passagem. Os ritos são inventados por certas sociedades para favorecer essas coisas, mas não podemos contar com isso hoje, não existem mais esses ritos de passagem, nós mesmos vamos ter de inventá-los. Por exemplo, as perdas pelas quais passamos, sobretudo essa perda fundamental: a perda do seu meio social. Se você perdeu o seu meio social ou está perdendo, prepare-se: você perderá muitos outros. Você nasceu sozinho e vai morrer sozinho, e as pessoas passarão pela sua vida, mas não ficarão. Mesmo que elas fiquem muito tempo, não vão ficar para sempre. Vai ficar para sempre na esfera da eternidade, aqui não. Aqui elas têm de ir embora daqui para poder reencontrá-las na eternidade, isso é óbvio.

Em resumo: refazer a idéia do necrológio levando em conta não só essas coisas que falei sobre a virtude universal, a sua personalidade como símbolo de valor universal, embora totalmente desconhecida por todo mundo. E aí você vai entender o seguinte: você está fazendo a sua vida não perante os outros, você está fazendo perante Deus. Ou seja, você está passando das sucessivas personalidades que você adquiriu durante a vida para a esfera do seu *eu substancial*, aquilo que você é eternamente perante Deus, que é o único que existe no final das

contas. Os outros eu's são todos pele que a cobra vai trocando. No fim você descobrirá que existem elementos seus que são substanciais mesmo, que são você mesmo e que nada vai tirar dali, e que é por ali que Deus o vê.

Como articulamos isso agora com as análises políticas e sociológicas que tenho feito nos últimos dias? Vemos que sociologicamente falando o Brasil chegou a uma situação que qualquer principiante do leninismo entende que é uma situação revolucionária. Situação revolucionária é aquela na qual os de baixo não querem e os de cima não podem continuar como está. É exatamente o que está acontecendo: ninguém quer que a coisa fique assim e os de cima não podem fazer com que continue assim. Uma situação revolucionária deveria resultar numa mudança total da estrutura do poder num prazo relativamente breve. Isso não aconteceu, em primeiro lugar, porque nenhum dos envolvidos percebeu que era disso que se tratava. Você vê que nos protestos que houve no dia 15, contra quem o pessoal estava brigando? Eles podiam não ter o nome, mas a briga deles era contra aquilo que o Raymundo Faoro chamava o *estamento burocrático*.

O que é o estamento burocrático? É aquele grupo de pessoas que se apropria do Estado para as suas finalidades grupais e pessoais, e dane-se o resto. Isso acontece desde o tempo do Império, sempre foi assim e sempre todo mundo quis acabar com isso. Só que em todos os movimentos — golpes de Estado e revoluções que houve no Brasil — foi sempre um grupo que derrubou o outro. Por exemplo, na Revolução de 1930, você tinha um grupo de gaúchos inconformados, derrubaram tudo e imediatamente criaram uma ditadura — não foi imediatamente uma ditadura porque veio de pouquinho. E sempre sobra aquele problema: agora ou concentramos o poder para fazer aquelas modificações estruturais profundas que queremos fazer ou amolecemos, restauramos a democracia e daí volta toda a confusão, a diversidade de interesses etc., e a nossa obra vai para as cucuias. Esse problema aconteceu no tempo de Getúlio Vargas, aconteceu no tempo dos milicos igualzinho e acontece agora também. Evidentemente, dentro do próprio grupo revolucionário surgem aqueles que querem aprofundar a revolução e, portanto, exigem uma linha dura, e aqueles que têm nostalgia das liberdades democráticas e querem restaurá-las dissolvendo portanto o processo revolucionário. Isso já aconteceu várias vezes no Brasil.

Acontece que desta vez houve uma diferença específica que acho que ninguém reparou: dois milhões de pessoas foram para a rua porque quiseram, e não porque algum movimento político, algum grupo as convocou. Os grupos que existiam eram tão pequenos, tão ínfimos, que eles não eram líderes de maneira alguma, eles eram apenas a garota do calendário: ela diz “vai data tal, tal dia, a tal hora” — isto foi tudo o que eles fizeram. Você veja que, dos camaradas que “lideravam” os vários movimentos, nenhum vinha com uma concepção integral, uma estratégia, nada, só queriam protestar “contra isso que está aí”. E, portanto, os líderes não conduziram a massa, mas foram conduzidos por ela. Inclusive eu recomendei que continuassem fazendo exatamente isso, ou seja, não façam nada, não tenham idéias, não criem estratégias, façam apenas o que a massa está querendo que você faça. Porque só assim você vai incorporar o espírito delas, representá-las e daí talvez elas o ouçam. Mas, ao contrário disso, imediatamente começaram a discutir: “agora o que vamos fazer etc. etc.?”. Minha resposta é: continue fazendo o que está fazendo, é só isto, para que essa imensa massa crítica que se formou [1:00] não se perca, não se dissolva, e que, ao contrário, ela cresça. Por falta de prática, os neguinhos não souberam entender exatamente quem eram eles.

Eles eram exatamente o que Lula foi no começo de sua carreira. Lula era uma nulidade que sabia obedecer à massa. Enquanto o pessoal estava fazendo assembléia do PT, o Lula ia tomar cafezinho; depois voltava e perguntava: “o que vocês decidiram?”, “tal coisa assim e assim”. E

ele saía falando aquilo. Ou seja, ele não guiava a massa, ele lhe obedecia. E de tanto obedecer houve uma fusão das identidades e ele passou a representar a massa. Mas na hora que ele passa a representá-la condignamente não na sua própria opinião, mas na opinião dela, então a palavra dele começa a atuar sobre a massa. É assim que se faz. Agora, os líderes dos movimentos se apressaram. Para eles se tornarem verdadeiros líderes faltava muito tempo. Faltava que incorporassem o espírito da massa, o que só se faz com o tempo. Quando você vê que há uma situação que requer a presença de líderes qualificados e eles não aparecem, é porque existe o problema de pouco desenvolvimento da personalidade. Vocês entendem como é que uma coisa articula com a outra? Como esse lado psicológico-moral se articula com o lado sociológico-político? Você tem uma situação política que está difícil de encaminhar porque faltam os verdadeiros líderes da massa.

Se perguntassem para aqueles dois milhões de pessoas que estavam na rua: o que você quer que faça? Eles iriam dizer: tira todo mundo daí de cima. Sim ou não? Todo mundo responderia isso; todo mundo. Vocês vejam que na passeata de 15 de março eles não aceitavam políticos nos palanques! Nenhum político. Podia vir o cara do PSDB, da oposição. Bolsonaro foi rejeitado na rua! Coitado do Bolsonaro, o que ele tinha feito contra a massa? Nada. Mas a massa não queria ouvir falar deles. Então é claro que é uma situação revolucionária que se volta não contra um partido ou uma pessoa, mas contra todo o sistema que os criou e os botou lá em cima. Então o sistema todo está deslegitimado automaticamente. Mais deslegitimado ainda pelo fato da eleição fraudulenta. Prestem atenção: uma eleição na qual houve fraude é uma coisa, uma eleição que é fraudulenta na base é outra. A apuração secreta foi inventada por Andrey Vyshinsky, um interventor soviético na Letônia, em 1940. É um sistema comunista para enganar as pessoas e foi adotado no Brasil, e no pessoal de cima (as classes falantes) ninguém protestou, todo mundo achou normal, aceitou. Mas embaixo todo mundo percebeu que tinha algum treco errado. Então a situação é de total ilegitimidade de todo o poder constituído. Portanto, você tinha uma situação revolucionária na mão, na qual derrubar todo o poder constituído era a coisa mais fácil do universo. E, no entanto, não fizeram.

Imediatamente, as pessoas ligadas ao esquema, ao *establishment*, ao estamento burocrático, começaram a pensar: “vamos inventar um jeito de sobrevivermos a esta crise. Como fazemos? Chegamos para esses meninos e falamos: vocês têm razão, isso aqui está uma pouca vergonha, temos de dar um jeito por meio dos canais normais das nossas instituições, pelos meios institucionais”. Eu digo: olha, espera um pouquinho, essas instituições foram criadas para criar essa situação, para dar hegemonia a um grupo. É só estudar a Constituição de 1988, você vê que está tudo lá. Porque numa constituição tem coisas que são determinadas ali, mas que só existem como palavras e outras existem já como forças políticas. Por exemplo, a parte que defende certos direitos do cidadão: a liberdade de consciência. Existe alguma força política organizada em defesa da liberdade de consciência? Não tem nenhuma. Mas os movimentos sociais têm tais e quais direitos, existe uma força política que os sustentam. Então de tudo o que a constituição prescreve só será executado aquilo que corresponde a uma força já existente e o resto é só para enfeitar. Então é só ler a Constituição de acordo com esse critério: vamos ver tudo aqui o que são ordens dadas no ar e o que são ordens dadas para forças que já estão em ação. Separa, e você vai entender que a Constituição foi feita para criar a hegemonia da esquerda de uma maneira total e irrevogável; e foi a coisa mais fácil. O meu artigo “Basta! Fora!”¹ — usando o título dos artigos do Carpeaux de 1964 — explica como foi o processo.

Nós temos uma situação que em si, sociologicamente falando, é altamente revolucionária, uma situação que requer uma quebra da estrutura do poder e a criação de um novo poder

¹ Publicado no *Diário do Comércio*, em 11 de junho de 2015. Ver em <http://www.olavodecarvalho.org/basta-fora/>

imediatamente. Só que os próprios personagens envolvidos (não a massa, a massa sente isso), os líderes, não sentiam que era isso. Então o que eles estavam fazendo? Estavam procurando canais de ação pelos quais a revolta popular pudesse ser dirigida contra determinados alvos, mas esses canais são só os canais institucionais. Não adianta você querer atuar pelos canais institucionais e mudar as instituições ao mesmo tempo, isso não é possível fazer. Então havia um vácuo aí no meio.

Vamos supor o desenvolvimento ideal da coisa. Quando você tem uma situação revolucionária, imediatamente você cria um governo provisório, um governo paralelo e clama pelo poder: saiam daí, agora quem manda somos nós. E nome de quê? Em nome do povo inteiro, o povo inteiro está conosco. Não é uma revolução sangrenta, não é nada, não é sequer um golpe de Estado, é uma revolução social normal. Você veja, o outro lado, o pessoal do PT não falava em democracia plebiscitária, democracia direta? Vocês queriam democracia direta, nós já a estamos exercendo. O que você está reclamando? Aqui tem 92% do Brasil pedindo para vocês caírem fora. Agora, se você cair fora, outra pessoa tem de assumir o lugar. Só que não há quem. Porque as individualidades não estão desenvolvidas o suficiente para assumir um papel histórico dessa grandeza. Imediatamente baixa a cabeça e cede tudo às vias institucionais. E não quer dizer que tenha acontecido de uma maneira definitiva, que não tenha conserto, porque pode ter. Veja: o problema da falta de desenvolvimento das personalidades é uma coisa terrível porque você cria uma oportunidade histórica, mas não tem quem aja. Ação sem agente não existe.

Eu pensei nessa coisa dos agentes, dos líderes, o tempo todo. Anos atrás eu falei: vocês querem formar líderes para o Brasil? Mandem dez garotos para cá. Junta uns empresários, põe um dinheiro. Eu não vou cobrar nada para ensinar as coisas para eles, mas paga a passagem do cara, alojamento para eles, porque eu não vou poder sustentar dez vagabundos seis meses, um ano. Façam isso, que eu faço o resto. Não mandaram ninguém até agora. E agora está tarde, porque a situação já precipitou. Não precisa dos líderes amanhã, precisa ontem. Então eu não sei no que isso vai dar.

Dei esta aula para mostrar para vocês como os vários temas que estamos dando sempre se articulam de algum modo em função da visão concreta que você tem da situação. Compreender o que está acontecendo realmente, mesmo que seja num momento curto do tempo, é um feito intelectual infinitamente maior do que criar qualquer teoria maravilhosa sobre qualquer coisa, porque é a inteligência perante a realidade concreta, a realidade viva. E você vê que a inteligência não está naufragando no meio da confusão dos fatos, mas, ao contrário, ela está entendendo tudo.

Se você não tem o controle intelectual da coisa, muito menos vai poder ter o controle prático. O controle intelectual não leva ao controle prático, mesmo porque às vezes não há tempo ou, em outros casos, porque o sujeito que está lutando para ter o controle intelectual não está lutando para ter o controle prático — como eu não estou lutando para liderar coisa nenhuma; eu só quero entender o negócio e explicar. Estou com 68 anos, não está na hora de eu pensar “vou virar o líder das massas”, isso aí já passou. Aliás, nunca estive na minha cabeça isso aí, eu acho isso a maior chatice. Mas deveria ter alguém interessado. Você não quer ser o líder, não quer ser o chefão? Eu lhe ensino! Aristóteles não ensinou [\[1:10\]](#) Alexandre o Grande? Eu posso lhe ensinar. E daí você se tornará o gostosão. Eu já vou estar morto, não vou ver o que você vai fazer depois.

Mas parece que não tinha ninguém. Uma situação revolucionária como jamais houve no Brasil. A história do Brasil é a história de um negócio que chamamos a revolução brasileira. O Brasil

vive numa revolução permanente: é só revolução, golpe de Estado, mudanças radicais o tempo todo. E essa revolução está em busca de algo. E o que ela está buscando? Ela está tentando se livrar do estamento burocrático: quebrar aquela carapaça de cima e fazer com que o povo possa ser o agente da sua história. Essa é a grande ambição do Brasil, sempre foi. Acontece que esse processo durou muito.

Em 1989 eu fiz aquela conferência na Casa do Estudante do Brasil que se chamava “O fim do ciclo nacionalista”. O problema que coloquei ali foi o seguinte: toda a cultura brasileira se formou à luz do conceito de nacionalismo, identidade nacional e da criação de uma identidade nacional. Isso já foi assinalado pelo Machado de Assis no século XIX. Mas se você vê o desenvolvimento cultural para adiante, o que foram os grandes movimentos culturais brasileiros? O modernismo paulista e nordestino, o romance dos anos 30, tudo isso é busca da identidade nacional. E a época da criação das identidades nacionais já passou. Essa época coincidiu com a época da nossa independência. Leiam o livro de Benedetto Croce, *História da Europa no Século XIX*, que é uma obra-prima. Ele vai ver que a história da Europa no começo do século XIX — da Europa, portanto também das colônias — começa com a reivindicação geral de independência. São nações que estão se formando, que vêm a sua diferença específica e querem afirmar a sua diferença etc. Isso foi em 1820, e nós não conseguimos afirmar a nossa até agora.

Só que nós entramos numa época que tem o chamado globalismo, onde a tendência geral não é que espoquem por todos os lados reivindicações nacionalistas, mas, ao contrário, que as soberanias nacionais sejam sufocadas e integradas em grandes blocos regionais, preparando o caminho utópico mas persistente de governo mundial. Quer dizer, somos azarados, chegamos tarde na história. E que nos resta é pensar assim: dentro deste ambiente de globalismo etc. como é que vamos fazer para salvar aquele mínimo de soberania nacional sem o qual não queremos viver? Então tem de ter um arranjo inteligente. Eu não sei como vai ser esse arranjo, mas já naquela época era um momento que exigia o máximo de criatividade, de iniciativa, de audácia, em vez daquela acomodação: “agora temos instituições democráticas e tudo vai funcionar maravilhosamente”. Esperar que instituições democráticas resolvam isso? O que as instituições democráticas têm a ver com a afirmação da soberania nacional? Isso aí não é possível. Isso é a mesma coisa de estar querendo preparar um prato para o almoço e a pessoa, para lhe ajudar, oferece um conjunto de peças de automóvel. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. As duas coisas podem ser boas, mas uma não ajuda a outra nem a outra ajuda a uma. Você pode ter uma afirmação nacional por meio de uma ditadura ou por meio de uma democracia, é a mesma coisa.

Tudo o que aconteceu depois é o prosseguimento da dialética da revolução brasileira. O PT quis encarnar essa revolução brasileira e quis destruir o estamento burocrático, como já expliquei naquele artigo. Eles leram o livro do Raymundo Faoro, que foi um dos inspiradores do PT, e viram: aqui está a fórmula. Quer dizer, não é propriamente uma luta anticapitalista, mas é uma luta contra o estamento, contra o *establishment*, para quebrar essa carapaça e criar a democracia plesbicitaria, a democracia direta etc. É isso o que eles queriam. Só que ao mesmo tempo eles utilizaram o método do Antonio Gramsci, método este que consiste em infiltrar-se nas instituições e dominá-las por dentro. Ou seja, eles queriam destruir o *establishment* mas ao mesmo tempo estavam tentando se transformar eles mesmos no *establishment*.

Então chegaram lá, aparelharam tudo, tornaram-se o dominador de tudo e a versão mais cínica que o *establishment* já teve. Mais cínica por quê? Porque os dominadores do *establishment* anterior sabiam que estavam lá só para roubar, mas o PT não: “nós estamos

roubando pela libertação nacional, estamos roubando pelos pobres”. Então você está autorizado a roubar o que quiser porque você é lindo, maravilhoso e santo. Foi isto o que os caras fizeram. No artigo que mencionei acima, coloquei aquela ilustração do Pogo: “Encontramos o inimigo, e ele é nós.” Isto aí resume a história do PT: ele se transformou no inimigo que queria destruir, e agora não tem mais volta. Mas ao mesmo tempo todo mundo percebeu que o PT fez isso, todo mundo está louco para se livrar do PT, mas não tem o que colocar no lugar, a não ser os mesmos caras que aplanaram o caminho para o PT. Porque está faltando líderes. O problema da maturidade não foi levado suficientemente em conta. Se existisse uma personalidade com grandeza, que representasse valores universais, e a situação exigisse que ela tomasse uma atitude audaciosa e se transcendesse formidavelmente, ela faria isso. Mas se ninguém pensou nisso, então a pessoa vai avaliar a situação na medida diminutiva com que ela criou a sua própria personalidade. E é exatamente isso o que está acontecendo.

Vocês estão entendendo como nós vamos articulando vários temas, várias linhas de investigação, e elas vão nos orientando, não para criar uma teoria geral de tudo, que vai nos dar uma explicação maravilhosa do universo, mas para simplesmente entendermos o que está acontecendo? Análise desse mesmo tipo pode ser feito em escala mundial, nada impede. Aplicamos aqui ao Brasil porque é o tema do momento.

Aluno: O senhor acha que existe a possibilidade de o Brasil voltar a se unir aos EUA e também com seus aliados na América Latina, como Chile, Peru e Colômbia?

Olavo: Isso vai ter de acontecer mais dia menos dia. Porém, enquanto o Obama estiver lá em cima não vai acontecer absolutamente nada.

Aluno: Antes de tudo, obrigado pelo curso. É a única ferramenta que temos no Brasil para tentar sair do sufoco da incultura absoluta. Gostaria de saber se o senhor recomenda a leitura da História da Vida Privada, em cinco volumes, do Philippe Ariès.

Olavo: Tanto Philippe Ariès quanto George Duby são historiadores muito competentes. Mas esta obra eu não li, então não posso dizer nada.

Aluno: Gostaria de saber se o professor ainda atende novos alunos.

Olavo: Mas é evidente, a qualquer momento. Aqui não tem momento para entrar, nem hora para sair.

Aluno: O Príncipe Dom Bertrand de Orléans e Bragança, o senhor acha que ele pode estar preparado pessoalmente?

Olavo: É o único brasileiro com mentalidade de estadista que conheço. Ele é o único sujeito que conhece os problemas do Brasil de trás para adiante, ele sabe tudo, e é um patriota sincero. Mas acontece que ele não tem a vocação da liderança, parece-me. Mas eu não acho que a Casa Real poderia encabeçar esse projeto, mas ela pode ser o centro aglutinador de um governo paralelo, como tem na Inglaterra o *Shadow Cabinet*, onde você nomeia pessoas qualificadas, e elas acompanham os atos do governo um por um, acusando os erros e dizendo o que nós faríamos se estivéssemos lá. E isso pode ser a semente de um governo provisório. Eu acho que esse papel a Casa Real pode representar. [1:20]

Aluno: Eu não sabia que tinha esse recurso de um governo paralelo, não sabia que existia.

Olavo: Na Inglaterra sempre existe. Quando vota um gabinete, eles votam outro: Shadow Cabinet. São os caras que não estão no governo, mas que analisam e propõem soluções que eles acham melhores. Virtualmente isso é a semente do próximo gabinete.

Aluno: Quais são as principais diferenças entre a produção do necrológio aos 20 anos de vida e aos 50 anos de vida?

Olavo: Aos 50 anos você não faz mais o necrológio, isso você tem de fazer no começo. Aos 50 anos você já está fazendo as contas, não é mais o que pretende ser, mas você tem de já estar sendo e ver onde falhou e tem de complementar. Mas eu acho que esse processo é natural: uma vez que você formou aquela imagem, você vai atrás dela. Eu sempre lembro uma história contada pelo sujeito que foi treinador do Johnny Weissmuller,² que foi campeão de natação. Weissmuller era um nadador muito bom, muito forte, mas não conseguia nadar em linha reta, ele ia parar na quina da piscina, não tinha jeito. Um dia o treinador dele teve uma idéia: botou um chapéu do outro lado da piscina e disse, “Olha esse chapéu, agora fecha os olhos e nada em direção ao chapéu.” Deu certinho. Não era o controle visual da coisa, era uma coisa mais interior. Se você tem a imagem bem fixada, é para lá que você está indo de algum jeito.

Aluno: Como conceber essa auto-imagem do necrológio sem ser de forma etérea, idealizada, no sentido de quase adivinhada e simples, de sabedoria, prudência, ou viver na presença de Deus sem qualquer especificidade? (...)

Olavo: Por isso que disse fazer o seu necrológio como se fosse um romance, portanto, descrevendo atos, atitudes, situações, mais concretamente possível. Mas se não for possível usar essas palavras, não importa porque você sabe o que está querendo dizer com elas. O que importa é que você continue se esforçando para imaginar concretamente, sentir a sua presença na situação: como você faria, qual seria o seu tom de voz, qual seria a sua expressão. O que você quer realmente ser. Não é o que você quer transmitir aos outros, porque os outros mudam, são várias pessoas — se você quer transmitir uma coisa para cada um a cada momento, isso não é planejável —, mas aquilo que você é realmente por dentro, mesmo que os outros não estejam percebendo. Porque o que está em questão aqui não é fato a sua imagem perante os outros, é você se aproximar realmente do seu *eu substancial*. E o *eu substancial* é a vida que Deus planejou para você de algum modo — isso é uma figura de linguagem evidentemente.

Aluno: (...) Como conceber um futuro perfeito ao mesmo tempo em que há escolhas e contradições presentes que ainda não resolvi?

Olavo: Não tente resolver. Se você tentar resolver as contradições, você está lidando na área dos defeitos, e não é isso. Você tem de construir o personagem, os defeitos não interessam, porque os defeitos vão ter de ser incorporados dialeticamente no personagem. Não tente vencer nada, tente apenas ser aquilo que você quer ser.

Aluno: Sou aluno recente, e quero saber se estou na pista certa do que é o projeto do Seminário. O primeiro passo é incorporar as condições psicológicas e morais que são pressupostos da atividade filosófica (...)

Olavo: Isso não é o primeiro passo, isso você vai fazer o tempo todo. Esse é sempre o problema.

² William Bachrach

Aluno: (...) o nosso interior e imaginário com a riqueza da literatura, construir o repertório da experiência humana. (...)

Olavo: Sem dúvida. Isso é uma das condições fundamentais, quer dizer, sem uma vasta experiência literária as pessoas não entendem a vida humana. Quer dizer, tem a visão estreita condicionada aos tipos de conduta que você já viu, e esses tipos de conduta muito raramente são poucos e uniformes, principalmente no meio brasileiro. Existe, claro, as deficiências da própria literatura nacional, que ela só vai lhe dar acesso a certos tipos de experiência. Até já falei aqui que no Brasil predomina, naquela escala do Frye, os heróis que estão nas duas últimas fileiras: o sujeito que é o herói irônico, que é o sujeito que está abaixo da situação, que não compreende nada, que só leva porrada, e o outro que é a pessoa normal, comum, banal. Então outras possibilidades humanas estão praticamente ausentes da literatura brasileira, mas você pode suprir com literatura estrangeira.

Aluno: (...) Só então podemos participar ativamente da atividade intelectual aqui no curso e principalmente participar dos trabalhos das transcrições.

Olavo: As transcrições não são um trabalho intelectual ainda. Mas eu considero um exercício extremamente importante para todo mundo. Se você só ouviu a aula uma vez, aquilo vai sumir. Se você fizer uma transcrição e depois tentar, por exemplo, explicar isso para uma outra pessoa — eu chamava isso de repetição de aula. Nas aulas presenciais tínhamos esta prática. A proposta era você dar a mesma aula que eu dei. A mesma aula que dei, de cor. Mas como faz? Você vai dar a mesma aula. Com esta imagem da mesma aula, o indivíduo era forçado a puxar pela sua memória, concentrar, e no fim acabava saindo a mesma aula. Claro, um pouco mais curtinha, um pouco mais resumida, mas saía.

Outra coisa: é proibido dizer “*Olavo disse que...*”. Você vai falar do objeto e não do que o Olavo disse. Eu disse para dar a mesma aula e não para falar a respeito da aula — isto é importante. Se falar a respeito da aula, você está se afastando do objeto. Você tem de falar como se estivesse olhando o objeto da aula, como eu mesmo olhei na hora que estava dizendo. Olhar para o objeto e não para a aula como objeto, isso funciona.

Aluno: Estou no período de voto de pobreza de opinião, enquanto isso tenho me dedicado a traduções, principalmente artigos a partir do inglês. Gostaria que você indicasse obras que considere importantes, que não estão publicadas no Brasil.

Olavo: Tem um monte. Mas eu lhe falar isso agora vai se muito improvisado, muito chutado. Eu preciso pensar. Se você me der um tempo e voltar a colocar isso talvez na próxima aula, prometo que faço uma lista de coisas que acho importantíssimas.

Aluno: A Independência do Brasil foi uma revolução?

Olavo: Não foi de jeito nenhum. Você pode usar a palavra *revolução* em dois sentidos. Primeiro, a palavra revolução puro e simples que defino como um projeto de mudança social a ser realizado através da concentração do poder. Essa é uma definição. A outra, a revolução social, que não é ainda uma revolução, mas uma situação que exige a queda de um poder e sua substituição por outro, sem prever se vai ser através da concentração do poder. O que está acontecendo no Brasil é uma revolução social, e não uma revolução no sentido formal da coisa.

Aluno: Pelo que pude entender, o ideal do filósofo é um trabalho intelectual interno baseado em problemas, com a tentativa de resolução por via dialética, associado ao processo sincero e muito complexo de confissão. Portanto a justificativa do uso da matemática e lógica na resolução de todos os problemas constitui, a meu ver, uma ilusão de controle total da situação.

Olavo: Mas sem sombra de dúvidas. O estudo da matemática e da lógica só vale por hábitos ou quase por associação de idéias que ela sugere para você, e que depois se incorporam na sua maneira de ser. Mas, em filosofia, você pode usar a matemática ou a lógica? Não pode. A matemática e a lógica são treinamentos prévios. E o melhor que você tem a fazer quando obteve o treinamento, esquece tudo aquilo e deixa funcionar sozinho. E também, claro, a matemática e a lógica servem para você verificar certos resultados, mas mais na área científica, e não na filosófica.

Aluno: [1:30] Em que medida podemos dizer que a noção de tempo e espaço kantiana como formas da sensibilidade influenciou a teoria da relatividade de Einstein? Já li alguns estudos que sugerem uma relação entre a epistemologia kantiana e a ciência einsteiniana. Contudo, para Bernard Piettre, a teoria da relatividade superou a teoria kantiana porque está como queria Kant. (...)

Olavo: O problema é exatamente este.

Aluno: (...) Isso de alguma maneira derruba a suposição kantiana, que supõe a mediação da intuição do tempo e do espaço para compreender a realidade. O senhor tem alguma posição a esse respeito?

Olavo: **[corte no áudio]** ... que a negação do tempo e espaço absoluto do Newton. Mas ela dá um passo além, de certo modo acaba abolindo os pressupostos kantianos que estão ali. Eu acho que você matou a charada. Continue estudando nessa linha que está indo muito bem.

Aluno: Sou aluno do primeiro ano do curso e evito mandar perguntas por vergonha de falar besteira. (...)

Olavo: Se você ficar com vergonha, você nunca vai se livrar das dúvidas.

Aluno: (...) Assistindo a aula 56, o senhor trata da importância de sermos uma alma imortal e imaterial, vivendo e tomando as decisões num corpo mortal no mundo material. Tenho a seguinte dúvida: numa sociedade como a brasileira onde as pessoas vivem, ainda que neguem, constantemente com medo da morte por ser extremamente violenta e pelas pessoas não têm acesso aos meios de se defenderem. Tendo como escudo precário unicamente o Estado falido material e ideologicamente e, outro, pelo desaparecimento da alta cultura, as pessoas perderam de vista os exemplos que as fazem perceber que existem realidades superiores, para as quais elas deveriam buscar se moverem. Numa sociedade assim é de se esperar que as pessoas procurem ainda mais desesperadamente o prazer e o dinheiro, como resposta ao medo e angústia permanente em que vivem?

Olavo: Sim, sem dúvida. Mas não só o prazer e o dinheiro. Existe a busca permanente da segurança, e a segurança é sempre dada por uma outra pessoa, por um protetor. E a partir da hora que você está buscando proteção, você já não é mais o protetor, não é protetor nem de si mesmo nem da sua família. Portanto, isso incentiva a total irresponsabilidade. As pessoas têm de ser treinadas — os homens adultos, quando vão chegando aos 18-19 anos — assim: meu filho, quem vai defender a sua casa é você, quem vai defender a sua família é você, não adianta

esperar que o sargento, a polícia faça. Não adianta porque isso é segunda instância. Quando a minha casa, em Duque de Caxias, foi assaltada — não chegou a ser assaltada, os caras estavam invadindo —, expulsamos os caras, estávamos armados e tal, e daí chamamos a polícia para completar. A polícia levou uma hora e meia para chegar! E se fosse esperar? E se fosse botar o meu destino e o da minha família nas mãos deles? Isso é uma coisa tão óbvia que nem deveria ser necessário explicar. Se você não é capaz de se defender, você já está morto. A possibilidade de um terceiro defendê-lo é muito remota.

Espero que todos tenham entendido tudo. Boa sorte para todos. Até semana que vem.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu

Revisão: Éricson Rojahn